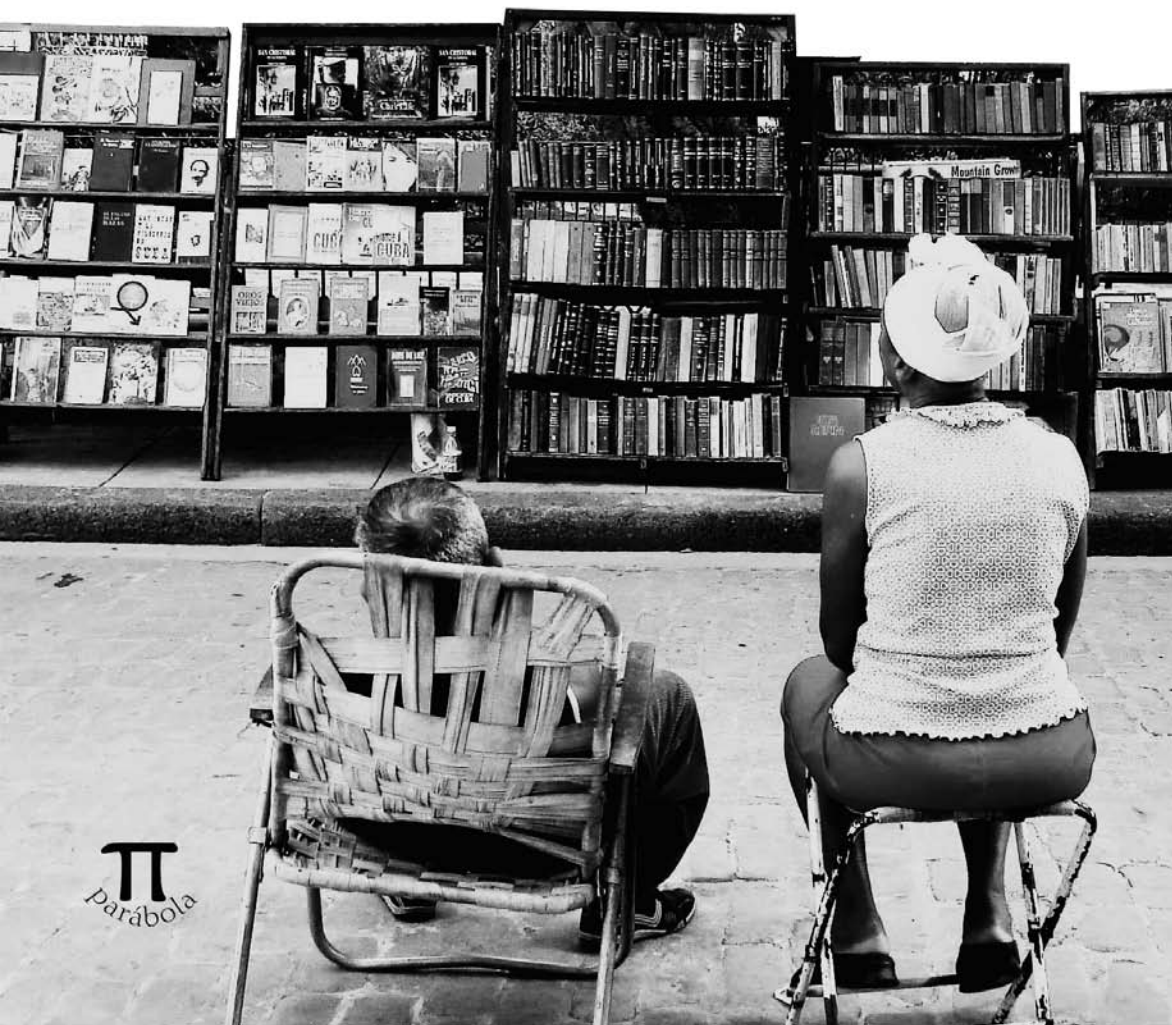


Nomenclatura gramatical brasileira

50 ANOS DEPOIS

CLAUDIO CEZAR HENRIQUES



EDITOR: Marcos Marcionilo

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Andréia Custódio

IMAGEM DA CAPA: Gabriel Robledo 

CONSELHO EDITORIAL: Ana Maria Stahl Zilles [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Univ. de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazzolla de Andrade [PUC-SP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H449n

Henriques, Claudio Cezar, 1951-
Nomenclatura gramatical brasileira: 50 anos depois / Claudio Cezar
Henriques. - São Paulo : Parábola Editorial, 2009.
il. - (Lingua[gem] ; 34)

Apêndice
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-88456-99-0

1. Língua portuguesa - Gramática.

09-2550.

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Direitos reservados à
PARÁBOLA EDITORIAL
Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga
04281-070 São Paulo, SP
pabx: [11] 5061-9262 | 5061-1522 | fax: [11] 5061-8075
home page: www.parabolaeditorial.com.br
e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-99-0

© do texto: Claudio Cezar Henriques
© da edição brasileira: Parábola Editorial, São Paulo, julho de 2009



SUMÁRIO

- Apresentação / Domício Proença Filho, **9**
- Prefácio, **11**
- Cinquenta anos de Nomenclatura Gramatical Brasileira, **15**
- Bastidores da NGB, **29**
- Nomenclatura Gramatical Brasileira na Berlinda , **41**
- Terminologia hoje, **53**
- Passo à frente, **65**
- Opiniões contemporâneas, **69**

ANEXOS

- 129** Portaria nº 152 (24/04/1957)
- 130** Anteprojeto de simplificação e unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira
- 153** Portaria nº 36 (28/01/1959)
- 154** Nomenclatura Gramatical Brasileira (11/05/1959)

166 Nomenclatura Gramatical Portuguesa (1967)

182 Terminologia linguística para os ensinos básico e secundário – Portugal (2007)

■ Referências Bibliográficas, **205**



APRESENTAÇÃO

Domício Proença Filho

SOBRE A VELHA NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA

OS SERES e as coisas do mundo são na linguagem. Esta afirmação, frequentadora assídua das reflexões filosóficas, evidencia ainda mais sua pertinência no âmbito dos conceitos orientadores dos estudos que se pretendam objetivos.

A nomenclatura dos fatos vinculados à língua que falamos situa-se nesse espaço. Funciona como elemento simplificador e unificador, notadamente no âmbito da gramática descritiva.

Nesse campo, durante muito tempo, os especialistas divergiam, por vezes radicalmente. Os professores dividiam-se entre a confusão e a perplexidade. Os estudantes perdiam-se no emaranhado de classificações, designações, conceitos.

Emergente em 1959, a Nomenclatura Gramatical Brasileira trouxe alguma organização ao caos então vigente. Alguma, porque conviveu com a divergência, mesmo de integrantes do próprio grupo de renomados especialistas que participaram de sua elaboração.

Tais dissensões — associadas ao progresso dos estudos da língua, ao notável desenvolvimento dos estudos linguísticos, à caducidade de alguns conceitos, a persistentes imprecisões terminológicas, às mudanças de perspectivas — evidenciaram, ao longo do tempo, a necessidade de repensar uma possível reformulação daquele documento padronizador.

Em que pesem os inegáveis e por vezes radicais conflitos entre posicionamentos de gramáticos e linguistas, ou talvez por isso mesmo, a revisão crítica da questão situa-se como oportuna e pertinente. A retomada do texto, sua atualização e reformulação podem convertê-lo num eficaz instrumento facilitador da compreensão dos fatos da língua e ponto de chegada e de partida para a reflexão enriquecedora e produtiva.

Nomes e conceitos ajudam efetivamente a compreender fatos e teorias. Iluminam a condução do ensino da língua. Fundamentam a necessária adoção de uma política do idioma, em especial na atualidade da tentativa de aproximar ainda mais os países integrantes da comunidade lusófona, com a adoção consensual do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – 1990.

A necessária reformulação da NGB, se bem conduzida, para além de interesses de grupos e do conflito de paixões, facilitará certamente o entendimento do idioma comum e a ação dos especialistas e professores que a ela se dedicam. Será útil à sua agilização, nesse sentido, o envolvimento de instituições e centros de estudos especializados.

Este *Nomenclatura Gramatical Brasileira — 50 anos depois*, em boa hora idealizado e organizado por Claudio Cezar Henriques, retoma a história do documento, sua aplicação à realidade didática; apresenta juízos críticos representativos e reproduz documentos oficiais sobre a matéria. Converte-se, assim estruturado, num relevante texto preliminar e em estimulador ponto de partida para o debate.



PREFÁCIO

TERMINOLOGIA E ENSINO

AO DAR aula no ensino fundamental e médio, o professor se depara com muitos desafios, e o principal deles é o desafio de seu sonho. Por que dar aula — e logo de língua portuguesa? Dizem que temos vocação para sofredores. Pode ser. Na realidade do trabalho docente, entramos em sala para reencontrar nossas razões, cada um a seu jeito, assim como os alunos que olham para o professor e imaginam como será aquele convívio que durará dois semestres letivos, às vezes mais.

O que é uma aula de língua portuguesa? Basicamente deveria ser um prolongamento do que se passa no mundo real, pois a língua que usamos é nosso chão, *somatopsicopneumático*... Com a diferença de que o fato de ser uma disciplina integrante do currículo escolar a torna muito mais propícia à autorreflexividade.

Pensar a língua portuguesa para se pensar em língua portuguesa, transitiva e intransitivamente, nas perífrases e nas paráfrases, nos paradoxos da vida. Onde está a língua que o professor apresenta nas suas aulas? De onde vem o que vai mostrar para o aluno? Vem de uma lista, de uma tabela, de um glossário, de um receituário? Ou vem do jornal, da televisão, do futebol, do cinema, dos bares, da música e da literatura? Vem do palavrão e do elogio? Da declaração de amor ou da declaração de renda? Ó mulher rendeira... essa língua portuguesa! Por que só ensinar a fazer renda? Bom mesmo é namorar.

Todo o prazer do estudo da língua portuguesa faz parte do passado de cada professor de língua portuguesa. Não imagino que alguém tenha escolhido ser professor dessa disciplina sem gostar dela. O que houve com a vocação que levou cada professor de língua portuguesa a ser (sê-lo — vá lá!)? O tempo foi calando seu prazer? Programas engessados, salários indignos, condições precárias, superlotação, desprestígio... Sua Pasárgada da sala de aula ficou sem a aventura da existência...

Estudar a língua portuguesa com os alunos não dói. Faz pensar — exercício que precisa de treinamento, hábito, vontade... Pensar metalinguisticamente, porque a descoberta do entendimento das coisas da língua é alimento do espírito, é inspiração para outras reflexões e descobertas, é abertura para dar e receber novas informações. Esse estudo muito bem podia ficar assim mesmo: cada dia um texto, uma história, uma notícia, uma data festiva ou triste, uma visita. Tudo nos serve de desculpa para falar da língua. A propaganda diz que aquela cerveja desce redondo? Serve. O gol do Flamengo foi um golaço? Serve. O nome do filme é “A Ordem da Fênix”? Pode trazer que serve. Quem está na chuva é pra se molhar? Serve. E se for pra se queimar, como dizia o semifilósofo Vicente Matheus? Também serve. Sei cantar o hino do colégio? Meu colégio não tem hino? Vamos fazer um hino pro nosso colégio, ora! É época de vestibular ou de ENEM e temos um formulário pra preencher? Vamos a ele.

Está tudo em português, mas, mesmo que não estivesse (porque o *shopping center*, o *e-mail* e a *pizza* apareceram diante de nós para se aporтуguesarem), não faria mal nenhum. Cada um de nossos alunos tem o que dizer sobre todas essas coisas, pois elas fazem parte de suas vidas corinthianas, salgueirenses, agrícolas ou litorâneas. Um comentário aqui, um encaminhamento ali, vamos indo pelas beiradas em busca da confraternização linguístico-gramatical, sem traumas nem rancores.

Tudo isso é gramática pura, em funcionamento. E tudo tem nome, porque, afinal de contas, se os alunos têm nome, se o professor tem nome e a escola tem nome, porque o coitado do artigo definido só vai se chamar “azinho” e o acento circunflexo “chapeuzinho”? Mas não é preciso uma nomenclatura gramatical sofisticada. Só se pede que ela seja apenas uma. Como o ser humano, incompleta, imperfeita, carecendo de retoques e de carinhos — só um instrumento.

O maior trabalho é pegar os retalhos todos trabalhados em tantas aulas e fazer uma bela colcha, um painel bonito e expressivo que se confirma na hora em que o aluno lê um texto (e gosta de ver que sabe ler), na hora em que o aluno escreve um texto (e gosta de ler o que escreveu). E até na hora em que ele faz uma prova, dessas bonitonas que o governo aplica para dizer que o mérito é dele (mas só quando a coisa melhora). Desculpe! O mérito é da aula que o professor decidiu como ministrar.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira feita em 1959 completa cinquenta anos. Em Portugal, onde havia uma nomenclatura oficial nascida em 1967, já se fez outra, rebatizada, pomposa, com bibliografia em francês, inglês e espanhol. E o Brasil? Vamos continuar convivendo com uma neoparafernália de terminologias? Qual a parte que nos cabe nessa Torre de Babel?

Penso nas pessoas, na língua, na gramática, nos nomes – tijolo com tijolo, pau, pedra... caminho.

Rio de Janeiro, julho de 2009.

CLAUDIO CEZAR HENRIQUES

claudioc@bigghost.com.br